

# CIDADÃOS QUE FAZEM CIDADE

Têm ritmos contagiantes, sons e cheiros característicos, sítios e paisagens onde construir memórias. Aprendemos a vê-las como lares e, quando estamos longe, damos connosco a sentir saudades. As cidades são parte de quem nelas vive e uma das melhores formas de retribuir é marcá-las. Assim pensaram algumas pessoas com vontade de estimular e enriquecer os centros urbanos em que vivem. Munidas de ideias e de vontade de arregaçar as mangas, criaram projetos que promovem e requalificam o espaço urbano e a sua oferta, melhoram a qualidade de vida e agitam os bairros, reforçando laços entre os vizinhos. Basta estar atento, que perto de si pode estar a acontecer um caso.

Como o da Assembleia Popular da Graça, ou de associações como a Renovar a Mouraria e a Zona Franca. Instalados em vizinhanças com populações diversificadas em idade e etnia, estes coletivos têm sabido inventar um lugar através de atividades de valorização do território, de uma programação cultural para diferentes públicos e de serviços úteis (nomeadamente de saúde e educação) a custo reduzido. Os habitantes locais vão tomando conhecimento e alguns sentem-se motivados a participar.

Noutros projetos, como a Cozinha Popular da Mouraria, tudo gira à roda da preparação de uma refeição e os vizinhos são os convidados de honra. À mesa partilham-se refeições e histórias, e afasta-se a solidão a que nem a cidade mais populosa é imune. Há ainda aqueles que, de olhos postos em quem faz o futuro, dirigem a ação para um público mais restrito, como a Academia Juventude na Street, que quer “revolucionar” o bairro da Horta Nova munindo as suas adolescentes de um poder muito especial – a informação.

Certas iniciativas vão mudando efetivamente a paisagem urbana, pintando-a de fresco e valorizando o que é velho e precisa de ser estimado. É o caso do Porto Paralelo, que há um ano se dedica a modernizar e promover o comércio tradicional na Invicta, mantendo a alma e saber originais, ou da Agulha num Palheiro, uma plataforma que reúne um conjunto de casas muito especiais: imóveis disponíveis para venda e a necessitar de reabilitação. Estas sementes já lançadas prendem as suas raízes ao coração de cada vez mais pessoas e mostram como, com maior ou menor envolvimento e esforço, todos podem participar ativamente na qualificação de um lugar a que pertencem.



**INÊS  
ANDRADE**

**FILIPA  
BOLOTINHA**

RENOVAR A MOURARIA

## MUDAR O FADO

WWW.RENOVARAMOURARIA.PT

Berço do fado, a Mouraria é um bairro lisboeta onde se firmaram muitas raízes da tradição portuguesa e um património arquitetónico e cultural riquíssimo, mas em mau estado, que há muito pediam uma intervenção. Tudo começou a mudar quando, em 2008, Filipa Bolotinha e outros jovens moradores se juntaram para “chamar a atenção das entidades responsáveis para este território, porque o centro histórico de Lisboa começava a ser recuperado e a Mouraria continuava esquecida”.

Assim nascia a **Renovar a Mouraria**, associação que quer melhorar a qualidade de vida do bairro e dinamizá-lo cultural, social, económica e turisticamente. O voluntariado e algumas parcerias asseguraram as primeiras atividades: “visitas guiadas para dar a conhecer o bairro aos que tinham medo de cá entrar sozinhos, a criação do jornal **Rosa Maria**, de um arraial de Santo António e de um concurso de fado, costumes que estavam praticamente fora da Mouraria”.

Em 2013 a associação redobrou a energia com a inauguração da sede – a **Mouradia, Casa Comunitária da Mouraria**, um edifício camarário que estava muito degradado e foi reabilitado. Agora, a par dos voluntários, a Renovar a Mouraria conta com doze funcionários e uma cafetaria, “uma fonte de receitas que permite maior autonomia” e apresenta uma programação cultural permanente, frequentemente em colaboração com locais e músicos da zona.

Com o espaço cresceu ainda o número de atividades e serviços: aulas de português para emigrantes, apoio ao estudo, gabinete de apoio jurídico, guitarra... Na senda da revitalização do espírito do bairro “mais multicultural de Lisboa”, a associação continuará a diversificar a oferta para chegar a cada vez mais vizinhos e curiosos, e a surpreender nos desafios futuros – entre os quais “um projeto de visitas guiadas para públicos com necessidades especiais que está mesmo na fase de arranque”.

## AJUDA A LEVANTAR

WWW.AGULHANUMPALHEIRO.PT

São mais de 5000 os prédios parcial ou totalmente devolutos em Lisboa e, apesar da variedade, era muito fácil perder a vontade de os procurar. “Não encontramos este tipo de casa nas imobiliárias porque elas aparecem sem imagens, ou não aparecem, e a procura não estava muito afinada”. Lucinda Correia é uma das arquitetas do ateliê **Artéria**, onde o trabalho dos últimos anos reforçou a constatação de que “muitas pessoas querem ter acesso a estas casas, meios de o fazer, ajuda e acompanhamento”.

Cientes destas questões, Lucinda e a colega Ana Jara criaram a **Agulha num Palheiro**, um site especializado em mostrar imóveis que precisam de obras de reabilitação. Para além de campos como a área ou o preço, a Agulha criou “uma espécie de indicadores de pesquisa específicos para casas antigas. Ou seja, pode pesquisar-se, por exemplo, casas com pé direito de mais de 3,5 m, que tenham lambrins de madeira ou porta com bandeira...” O site dispõe ainda de um manual com um conjunto de perguntas e campos importantes para as pessoas que querem fazer este tipo de investimento. Para quem já fogueou um espaço e não imagina como reabilitá-lo, a Artéria faz consultas técnicas em que, entre outras, são focadas questões legais, a viabilidade para fazer obras (com



SUSANA  
SOARES

LUCINDA  
CORREIA

AGULHA NUM PALHEIRO

Agradecimento especial: Carpe Diem Arte e Pesquisa ([www.carpediemartepesquisa.com](http://www.carpediemartepesquisa.com))



## ASSEMBLEIA POPULAR DA GRAÇA

conselhos nesse sentido) e uma estimativa de gastos. Facilitando o encontro dos futuros proprietários com as casas com história, a Agulha num Palheiro deseja contribuir também para abrir horizontes. “Se todos cuidarmos da cidade, esta será melhor. E acho que quando uma pessoa investe na sua cidade e compra um edifício ou uma fração ajuda a reabilitá-la, porque a está a habitar”. Lançado em 2011 com o apoio do BIP/ZIP (Bairros/Zonas de Intervenção Prioritária) da Câmara Municipal de Lisboa, o projeto começou por cobrir apenas a freguesia da Pena, uma das mais envelhecidas da capital. Hoje a pesquisa de casas degradadas para venda já é alargada a todas as zonas graças à bolsa Crisis Buster, lançada na Trienal de Arquitetura de 2013.

## LUGARES DE PARTILHA

[WWW.ASSEMBLEIAPOPULARDAGRACA.WORDPRESS.COM](http://WWW.ASSEMBLEIAPOPULARDAGRACA.WORDPRESS.COM)

Na Rua da Graça, num primeiro andar com vista para o elétrico 28, o bulício do fim da tarde entra pelas janelas, junta-se à música ambiente e baila com a arte exposta nas paredes do café-galeria **Laboratório**. Aqui reúne todas as quartas-feiras a **Assembleia Popular da Graça e Arredores**, um coletivo que procura “pensar global, agir local: criar mais laços dentro da comunidade, num espaço aberto para a intervenção”. João Cão concretiza: “Qualquer pessoa pode vir e propor ações; é um espaço assemblário, de partilha e tomada de decisões em consenso”. Enquanto lugar que privilegia a “decisão comunitária”, a Assembleia quer proporcionar atividades que cheguem a cada vez mais pessoas (vizinhos e não só), mas sobretudo cativá-las a contribuir com as suas ideias e tempo. “É claro que há iniciativas que nos caracterizam: temos o tempo de graça, sessões de cinema ao ar livre, o mapeamento crítico da Graça, o passeio de Jane... Mas o grande objetivo é que venham mais propostas.” Entre as iniciativas mais recentes está o “chá das letras”, um clube de leitura quinzenal dinamizado por Margarida Vale de Gato, a par de outros membros. Também o mercado de trocas tem ganho alguns adeptos. “Acontece no **Clube Desportivo da Graça** e tentamos realizá-lo mensalmente”, explica Margarida, avançando que “uma das bases do mercado é diluir um bocadinho o valor que atribuímos às coisas, seja ele material ou sentimental. Já houve, por exemplo, uma rapariga que trocou uma colher de gelado por uma estante”. A Assembleia Popular da Graça nasceu de um grupo de pessoas ligadas aos Indignados de Lisboa que se conheceram após a manifestação de 15 de outubro de 2011, no âmbito de uma assembleia popular geral em frente à Assembleia da República, e decidiram juntar esforços ao perceberem que moravam na mesma vizinhança e queriam contribuir para a valorização da zona.

## COISAS DIFERENTES

WWW.FACEBOOK.COM/  
JUVENTUDENASTREET

“Isto começou porque eu sou treinadora de uma equipa de futebol de jovens raparigas da Horta Nova, e comecei a constatar que naquele bairro não é muito fácil ser rapariga; o bairro é maioritariamente dominado pelos rapazes”, explica Inês Neto. Consciente da fraca oferta de atividades e espaços que contribuíssem para desenvolver competências e alargar os horizontes dos jovens da zona, começou a pensar em como fazer parte da mudança. Depois de experimentar algumas atividades lúdicas com as jogadoras, percebeu que o modelo que tinha em mente podia vingar. Assim nasceu a **Juventude na Street**, uma academia onde, a par de atividades recreativas, como workshops de danças e sessões de esclarecimento com convidados, decorreram atividades mais formais, nomeadamente o desenvolvimento de um programa de competências sociais, adaptado por Inês (que é formada em reabilitação psicomotora) ao grupo de jovens. “É dar-lhes a conhecer outras pessoas, um maior leque de atividades que podem realizar depois em autonomia, ou aperfeiçoar, mas acima de tudo dar-lhes a experimentar coisas diferentes.”

O alvo principal são as raparigas entre os 12 e os 18 anos. A escolha de privilegiar um dos géneros foi feita para facilitar as conversas e aproveitar a equipa que já existia no clube, mas os rapazes são bem-vindos – mesmo este primeiro grupo de trabalho, de cerca de quinze adolescentes, contará à partida com um rapaz que quis participar.

O projeto foi outro dos premiados no Crisis Buster, da Trienal de Arquitetura de Lisboa de 2013, e já dispõe de uma sala que funcionará como sede, atribuída pela Câmara Municipal. Os jovens do grupo-piloto ajudarão na reabilitação em curso, “até para lhes dar um sentimento de apropriação do espaço, de identidade”. “O maior desafio agora é conseguir que a comunidade da Horta Nova veja a Juventude na Street como uma coisa positiva, como uma boa resposta que os jovens passam a ter, e conseguir conquistar esse lugar no bairro.”

## BOAS COMPANHIAS

WWW.FACEBOOK.COM/ZONAFRANCA.  
NOSANJOS  
WWW.ZONAFRANCAZONALIBERTADA.  
WORDPRESS.COM

Fixou-se na zona dos Anjos no início do ano passado e quer ser um “ponto de encontro e convívio no bairro, mas que está aberto a toda a gente que lá queira ir”. A **Zona Franca** foi criada por um coletivo habituado a juntar-se para fazer programação cultural e “é uma associação cultural que está organizada de forma cooperativa, em que as pessoas envolvidas tentam fazer o que dá mais prazer a cada uma e rodar nas tarefas mais chatas”.



RITA  
PALMA

AGOSTINHO  
FERREIRA

INÊS  
NETO

JUVENTUDE NA STREET



**ANTÓNIO  
REIS**

**MARTA  
NESTOR**

PORTO PARALELO

Com sede na Rua de Moçambique, a associação procura combater a falta de oferta cultural no bairro e por isso abre portas, de quarta a domingo, afirmando-se como lugar onde é possível socializar, aprender e conhecer ou simplesmente estar sem fazer nada, mas em boa companhia. Sara Pinto, João Mendes, Catarina Leal e Rui Duarte, que integram o coletivo, concretizam: “O espaço abraçou e foi desenvolvendo várias atividades, entre elas o xadrez do **Clube Amador de Xadrez dos Anjos (CAXA)**, os cafés literários, oficinas de vários tipos (costura, culinária, produtos naturais, oficinas para crianças), matinés com DJs, uma mercearia de produtos locais, internet à borla, salas para se estar e deixar ficar, ler, trabalhar, conviver...” A Zona Franca tem uma programação mensal que é construída com o contributo de muita gente diferente. A par das sugestões de atividades, “os contributos que já nos chegaram passam também por nos oferecerem copos (que são sempre precisos), ou cadeiras, ou emprestem material que não temos”. Depois há ainda os muitos amigos que ajudaram a transformar uma parte do espaço em pátio interior ao ar livre, “com um pequeno canteiro ainda a brotar”, e as vizinhas que fazem sobremesas para juntar aos outros petiscos vendidos pela associação. “O espaço acaba por ser o resultado desta dinâmica de presenças mais ou menos assíduas que o vão construindo à sua imagem.”

## MUSEUS VIVOS

WWW.PORTOPARALELO.COM

“O comércio tradicional é parte viva do esqueleto de qualquer cidade e está imbuído de história, de cultura e de tradição. É também uma das atividades profissionais que a crise económica mais sufocou, o que se traduz num sentimento de incerteza e desmotivação em tentar contornar as dificuldades do setor.” Guiado pela necessidade iminente de revitalizar o comércio tradicional na cidade do Porto, nasceu no início de 2013 o **Porto Paralelo**. O projeto, nas palavras do responsável de relações públicas António Baía Reis, quer “destacar e promover estabelecimentos com mais de 50 anos de existência reafirmando o seu valor enquanto parte integrante da história e património imaterial da cidade”.

Este comércio é “parte dinâmica na construção de um sentido de identidade e de comunidade”, mas também uma atração: “Muitas destas lojas são museus vivos, têm enorme potencial no reforço do desenvolvimento da região Norte e constituem-se como um fator de atratividade turística precioso”. Assim, é natural que no Porto Paralelo o trabalho se divida, grosso modo, em duas facetas: a da consultoria e intervenção ao nível dos negócios e a da divulgação. Em ambos os casos, as estratégias de comunicação, marketing e design contemporâneas são grandes aliadas. Junto das lojas que a ele se associam, o Porto Paralelo identifica dificuldades e a partir daí procura soluções, “o que pode passar pela criação de uma estratégia de comunicação para o negócio, como também pela ajuda em processos burocráticos vários”. Para os curiosos em descobrir esses lugares repletos de memória, o website da iniciativa e uma aplicação para smartphone dão conta do recado – entre outros conteúdos, ambos dispõem de informação completa sobre as lojas parceiras, que na aplicação pode ser consultada de acordo com as necessidades de cada utilizador através de uma funcionalidade GPS que o orienta em tempo real.



**RITA  
GRIFO**

**ADRIANA  
FREIRE**

**LUÍSA  
MARTINS**

COZINHA POPULAR  
DA MOURARIA

## A GRANDE FAMÍLIA

WWW.FACEBOOK.COM/  
COZINHAPOPULARDAMOURARIA

“A Cozinha funciona como uma casa, com uma rotina diária, pois também nós fazemos refeições todos os dias. Somos uma família grande e sempre a crescer porque todos os dias vem mais alguém”, diz a jornalista Adriana Freire, que há muito remoia a ideia de reunir a vizinhança à mesa e no ano de 2011 começou a torná-la real. Chama-se **Cozinha Popular da Mouraria**, “é um projeto social feito a pensar nas pessoas daqui”, e abre para almoço de terça-feira a sábado com aroma a comida caseira portuguesa ou de outros países, mas não só... O projeto arrancou apoiado pelo **Bip-Zip** (Bairros/Zonas de Intervenção Prioritária) da Câmara Municipal de Lisboa e, a par do convívio e da culinária, foca-se em dois objetivos: a troca cultural e a formação. “Vamos tentando formar as pessoas para que possam criar negócios próprios, damos workshops gratuitos a crianças e jovens, e tentamos aliciar os mais velhos para que saiam de casa.” As atividades da Cozinha Popular são gratuitas para quem é da Mouraria e as instalações podem ser pontualmente usadas por vizinhos que delas precisem. Para além da cozinha bem equipada e de espaços amplos para refeições, detém ainda alguns pedaços de terra que usa para cultivo de alimentos e fins educativos.

Um almoço na Cozinha Popular custa 5 euros, inclui sopa, prato principal e sobremesa, e costuma ser cozinhado pela chef algarvia Rita Grifo, ou por Luísa Martins, que todas as sextas faz pratos de cozinha africana, com a ajuda de voluntários ou outros cozinheiros. Quem não visita a Mouraria à hora do almoço pode deixar para mais tarde: “Fazemos jantares por marcação – são eles que nos dão sustentabilidade” (custam a partir de 10 euros por pessoa). Nos dois casos são garantidos o bom paladar e o espírito bairrista, já que entre os comensais costumam estar algumas caras familiares da vizinhança, convidadas a juntar-se “porque é uma forma de conviverem com outras pessoas”.